

EFEITO BIOESTIMULATÓRIO DA PRESENÇA DO MACHO NO INTERVALO PARTO-PRIMEIRO CIO E NA TAXA DE CIO DE VACAS DE CORTE

Rogério Taveira Barbosa¹; Maurício Mello de Alencar^{1,2}; Pedro Franklin Barbosa¹; Geraldo Maria da Cruz¹

O anestro pós-parto é um dos fatores mais importantes que contribuem para reduzir a eficiência reprodutiva dos rebanhos bovinos. A exposição das fêmeas ao macho logo após o parto tem sido usada com sucesso em bovinos e outras espécies, para reduzir o tempo que a fêmea leva para reassumir a atividade ovariana. Este trabalho teve o objetivo de avaliar o efeito da presença do macho no intervalo parto-primeiro cio e na percentagem de vacas em cio, em fêmeas da raça Canchim (5/8 Charolês + 3/8 Zebu) e cruzadas ½ Canchim + ½ Nelore e ½ Charolês + ¼ Canchim + ¼ Nelore. O delineamento experimental foi o de blocos casualizados, com dois tratamentos (CPR, com a presença de rufião; e SPR, sem a presença de rufião) e três repetições (grupo de parto ou de formação dos lotes). Os lotes de vacas eram formados, dois a dois, à medida que tinha-se número suficiente de vacas paridas durante a estação de parição. Desta maneira foram formados três lotes para cada tratamento, com 22 a 25 vacas com 10 a 22 dias de pós-parto (médias de 16,0; 14,6 e 17,0 dias), em 15/07, 24/07 e 06/08/1996. Os lotes dentro de cada grupo de parto (período do parto dentro da estação de parição) eram homogêneos quanto à idade e grupo genético da vaca e sexo do bezerro. Os rufiões permaneceram nos lotes do tratamento CPR da data da sua formação até 11/09/96, época em que houve rearranjo dos lotes para monta natural ou inseminação artificial. Os lotes eram inspecionados duas vezes ao dia para verificação da presença de vacas em cio, que era feita visualmente do início do experimento até 11/09/96 ou pelos touros ou rufiões, que portavam buçal marcador, de 11/09 a 17/12/96. Das 72 e 71 vacas dos tratamentos CPR e SPR, 63 (87,50%) e 66 (92,96%) entraram em cio, respectivamente, sendo a diferença entre tratamentos não significativa ($P > 0,27$) pelo teste de χ^2 . O intervalo parto-primeiro cio (IPPC) foi analisado pelo método dos quadrados mínimos cujo modelo matemático incluiu os efeitos de grupo genético da vaca, grupo de parto e tratamento. O IPPC foi influenciado significativamente pelo grupo de parto ($P < 0,05$) e pelo tratamento ($P < 0,01$). Os animais que pariram de 23/06 a 04/07 apresentaram maior ($88,35 \pm 4,47$ dias) IPPC do que aqueles que pariram de 06/07 a 14/07 ($71,78 \pm 4,63$ dias) e de 16/07 a 25/07 ($72,52 \pm 4,59$ dias). Os animais do tratamento CPR apresentaram menor IPPC do que os do tratamento SPR ($70,42 \pm 3,85$ vs. $84,68 \pm 3,70$ dias). Os resultados indicam que, apesar de a presença do rufião logo após o parto não influenciar a taxa de vacas em cio, o período parto-primeiro cio foi reduzido pela presença de rufião, em 14,26 dias (aproximadamente duas semanas), o que pode ter implicações importantes, principalmente quando se utilizam estações de monta de curta duração.

¹ Embrapa/ CPPSE, Caixa Postal 339, CEP 13.560-970, São Carlos, SP.

² Bolsista do CNPq.

8499